



Revista Científica de Educação a Distância

UNIMES  VIRTUAL



**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Alfredo Ferreira Vitor

Andreia Rainha

Cláudia Cristina Rodrigues

Maria Aparecida das Dores dos Santos

Sônia Maria Cruz da Silva

Viviane Salino Ramos

ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIMENTOS, INTERAÇÕES E INQUIETAÇÕES.

CML CAMPO LIMPO PAULISTA

2015



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Alfredo Ferreira Vitor

Andreia Rainha

Cláudia Cristina Rodrigues

Maria Aparecida das Dores dos Santos

Sônia Maria Cruz da Silva

Viviane Salino Ramos

ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIMENTOS, INTERAÇÕES E INQUIETAÇÕES.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas – UNIMES, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, sob a orientação do Prof^o Rubens de Souza.

CML CAMPO LIMPO PAULISTA

2015



RESUMO

O mundo evoluiu e junto com ele o homem, sendo esse o único ser capaz de materializar ideias, intenções e sentimentos por meio da criação artística. A Arte é feita por ele e nasceu das necessidades dele. Suas transformações e influências ocorreram de acordo com a época e com o que a sociedade ou a Cultura vivia, buscava, lutava, entendia. Sendo assim, cada período apresentou características distintas. De acordo com estudos a Arte rupestre era feita com a intenção de decorar as paredes das cavernas, além de haver indícios de que ela misturava-se à crenças e rituais, em outros tempos ela era vista com mais força na arquitetura, na pintura ou na escultura, tendo maior ou menor valor, dependendo do contexto histórico. As linguagens artísticas como a Música, as Artes visuais, a Dança e o Teatro na maioria das vezes foram separadas umas das outras. A Arte era utilizada para representar alguns aspectos da vida, porém de maneira separada da vida e de preferência de maneira bela. Da Pré-História até a Arte Moderna a Arte apresentou uma certa linearidade, porém a partir dessa época, começaram as mudanças para o que viria ser a Arte atual: a Arte Contemporânea, que surgiu para romper paradigmas, se distanciando dos conceitos da Arte até então representados. Essa monografia busca entender as relações do homem contemporâneo com Arte da atualidade, já que por meio de pesquisa de campo observamos que há pré-conceitos em relação a ela. Desenvolvemos então um projeto com nossos alunos apresentando a eles algumas faces da Arte contemporânea, levando-os a refletirem sobre suas concepções a respeito dela. Todavia, sabe-se que a Arte nem sempre tem a intenção de ser entendida e que as pessoas podem se identificar mais com uma ou outra manifestação artística, porém todos devem ter o conhecimento a respeito delas para poderem escolher, apreciar ou refletir, já que a Arte é feita pelo homem, mas o homem, também é influenciado pela Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução; Homem; Arte Contemporânea.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
1. A HISTÓRIA DA ARTE	2
1.1. A Arte no Brasil	4
1.2 A Arte Moderna.....	5
CAPÍTULO II	
2. HÉLIO OITICICA: INFLUÊNCIAS, VIDA E OBRA.....	7
2.1. Vida Breve.....	9
CAPÍTULO III	
3. PROJETO: ESPAÇOS, FORMAS E MOVIMENTOS.....	12
CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (monografia).....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Projeto de curso).....	17

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a Arte Contemporânea no contexto escolar, porém para que possamos entender melhor o significado dessa Arte fez-se necessário um passeio pela história.

Dentre tantos artistas, o escolhido para aplicação do projeto foi Hélio Oiticica, por ser um dos precursores da Arte Contemporânea no país e por dispor nas suas obras conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade além de outros.

Analisamos quais as contribuições do contexto escolar para a Arte Contemporânea, pois o reconhecemos enquanto espaço cultural onde os conceitos a respeito da Arte e suas vertentes devem ser construídos.

São objetivos do trabalho diferenciar formas bidimensionais e tridimensionais, apoiando-se nos trabalhos do artista Hélio Oiticica, além de ampliar os olhares para o entendimento e aceitação da Arte Contemporânea, desmistificando-a.

O trabalho será desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa experimental e pesquisa de campo aplicada em escola de ensino regular, no nível fundamental II. No capítulo I abordaremos a História da Arte. No capítulo II, abordaremos o conceito do que seria a Arte Contemporânea, além do trabalho de Hélio Oiticica. No último capítulo apresentaremos um plano de curso.

CAPÍTULO I

1. A HISTÓRIA DA ARTE

A Arte teve diversos movimentos e estilos, e em cada um deles a representação do que era Arte era diferente do que o período que o antecedia ou que o sucedia. Porém, uma coisa é certa: artista não expressa por meio da Arte somente aquilo que está sentindo, a Arte sempre esteve ligada a expressão de determinada cultura ou sociedade de determinado grupo em determinado tempo.

Na pré-história, os desenhos não eram utilizados apenas como registro (que antecedia a escrita), havia todo um ritual e uma crença envolvendo os desenhos de que ao capturar a imagem de um animal, tornar-se-ia mais fácil a captura do mesmo. Neste período, além de registro, os desenhos eram utilizados para decorar o interior das cavernas. O desenho é uma representação gráfica e foi o primeiro meio de expressão e comunicação do homem.

Em muitas civilizações a Arte teve ligação intrínseca com a arquitetura como nas sociedades dos Maias, Incas e Astecas, no antigo Egito, nos templos gregos da época helênica na Grécia antiga e nas igrejas do período gótico na Idade Média.

O sentimento estético, ou seja, associação da beleza à Arte surgiu na Grécia Antiga mais tarde, seria novamente resgatada na Renascença em Roma. Na Grécia Antiga, as representações artísticas eram baseadas em deuses e heróis, logo, o que se buscava era a perfeição física aproximando a imagem humana a de deuses.

A Arte em Roma, apesar de ter forte influência grega, não buscava apenas um sentido estético, mas também exaltar a ascensão política do período. A beleza na Arte estava na reprodução perfeita de retratos e estátuas de heróis e imperadores de forma realística, detalhando rugas, falta de cabelos, etc.

Com as invasões bárbaras ocorre o declínio do império romano e começa o período da Idade Média compreendido entre os Séc. V e XV D.C. Esse período foi

marcado pelo feudalismo, influenciando a visão de estética da Arte que neste dado momento se volta mais para a Arte sacra, tendo como movimento mais marcante a arquitetura das igrejas bizantinas.

A partir do Séc. XV, com o período da Baixa Idade Média, os homens se distanciam dos dogmas das igrejas e surgem dois grandes importantes estilos: o Românico, com construções sólidas, linhas simples e tendências voltadas ao meio rural, e o Gótico mais detalhado, expressando o meio urbano e o começo da ascensão da burguesia.

Com o movimento da Renascença, inicia-se a Idade Moderna e assim, houve mudanças tanto na economia e na sociedade, quanto na forma dela ver o mundo e tudo isso influenciou também na Arte. Com o movimento Humanista inicia-se um movimento estético, filosófico e religioso, os artistas resgatam a cultura grega com seus pensadores e sua visão de estética, a beleza é o que aproxima o homem do que é divino. Nesse período a busca pelo conhecimento e novos métodos científicos também se difundiram na Arte, o estudo e aplicação da perspectiva na pintura mostra isso.

O Maneirismo movimento artístico que ocorreu durante o Séc. XVI ao Séc. XVII desenvolveu-se paralelamente a uma crise que atingiu toda a sociedade europeia. Durante este período, os artistas buscavam outras formas de composição, harmonia e equilíbrio em seus quadros.

O Barroco do Séc. XVII mais suntuoso e extravagante esteve presente nas obras de Arte e na arquitetura. Este estilo foi difundido entre as igrejas católicas que tinham o intuito de converter mais fiéis católicos e, nos palácios onde o intuito era o de mostrar a ascensão das cortes e da nobreza. A intenção da Arte barroca era de impressionar.

A partir do Séc. XVIII, com a propagação do iluminismo que pregava o conhecimento científico em detrimento a dogmas religiosos, os conceitos de Arte do Renascimento e do Barroco vão sendo substituídos pela Estética. Esse ramo da

filosofia da Arte estuda a natureza do belo, noções de estética, formas variadas de Arte e suas criações. A razão, fator importante para os iluministas foi aos poucos sendo substituído pela sensibilidade. A tendência da Arte era gerar sentimentos levando emoção ao expectador. O Romantismo durou até o início do Séc. XIX e que acabou por influenciar também a literatura.

Em meados do Séc. XIX com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, ocorre uma mudança não só no cenário da Arte, mas, também na postura dos artistas. Surge então o movimento chamado Impressionismo, rompendo com a Arte acadêmica ao pintarem ao ar livre, iniciando-se assim a era Moderna. O que os artistas desse período buscavam era o realismo principalmente nas sensações visuais causadas pelas cores. Outro estilo do movimento realista foi o Expressionismo, mas, o que o diferenciava do anterior é que o Expressionismo tentava retratar as emoções humanas como a dor, o medo e a solidão. Apesar de alguns aspectos diferentes, a Arte até esse período estava ligada a um conceito figurativo no qual a pintura ou a escultura representavam algo, tendência essa que permaneceu durante o Fauvismo, porém, a partir de 1900 o abstracionismo rompe de vez com a Arte figurativa. Seguido desse rompimento com a realidade cria-se o cubismo. Nessa ruptura com a Arte realista os artistas buscam se expressar por formas e cores diferentes e o valor estético da obra não está na beleza ou na representação de algo, mas está em si mesma.

Com esse novo paradigma surge o movimento do Dadaísmo carregado de ironia e crítica a obras e artistas anteriores, destacando as obras como de Marcel Duchamp que chocaram o público e a crítica.

Até o início dos anos 60 as obras de Arte eram reconhecidas através de duas linguagens: a pintura e a escultura. No período Pós-moderno estas linguagens tradicionais já não bastavam para que os artistas se expressassem, a Arte passa a agregar novas tendências e linguagens.

A partir da metade do Séc. XX, com o surgimento e a difusão da Arte

contemporânea, os artistas começam se expressar com mais liberdade, houve uma quebra de paradigma, uma ruptura no modo de pensar e de fazer Arte, o que apresentou significativa mudança no comportamento dos artistas e por consequência mudou a perspectiva dos expectadores, pois, a Arte contemporânea apresentava algo novo, completamente diferente da Arte acadêmica de outros períodos.

1.1 A Arte no Brasil

No Período Colonial (século XVI), os índios foram dominados, a produção intelectual e artística dos colonos não interessava para o governo, as imagens sagradas da época eram cópias das trazidas pelos portugueses, mas não apenas eles influenciaram o estilo artístico brasileiro. De 1630 a 1654, os holandeses ocuparam parte do Nordeste e o panorama cultural do país mudou. Os artistas ousaram pintar temas não religiosos como paisagens, natureza morta, frutos e flores tropicais. No século XVIII a música e a literatura foram influenciadas por ideais iluministas trazidas por filhos de colonos ricos que estudaram na Europa. O Barroco com decoração rococó chegou ao Brasil quando esse estilo já tinha decaído na Europa, contudo destacam-se no período os artistas Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho com estilo inconfundível e na pintura o mestre Manoel da Costa Ataíde, sendo ele fiel à temas religiosos e personagens com traços mestiços, tipicamente brasileiros.

Com a chegada da Corte Portuguesa em 1808, o gosto por elementos do classicismo aumentou e após oito anos chega a Missão de Joaquim Lebreton (ex-secretário de Belas Artes na França), para revolucionar o panorama artístico, introduzindo no país o ensino superior acadêmico, iniciando o processo que oficializaria em 1820, a Academia e Escola Real das Artes no Rio de Janeiro. A pedido de Dom Pedro II, também vieram artistas estrangeiros, que além de pintarem retratos da família real e índios brasileiros, encontraram no país o cenário perfeito

para suas obras. Destaca-se no período com pintura figurativa acadêmica, neoclássica, romântica ou realista entre outros os artistas Victor Meirelles e Pedro Américo. O Realismo marcou a pintura e a literatura, mas ganhou força apenas ao final do século XIX e daí ao início do século XX, num misto de impressionismo, simbolismo, naturalismo e romantismo, o país conviveu com tendências ecléticas. Após a Primeira guerra, a industrialização de São Paulo cresceu e os imigrantes deram nova identidade a cidade, a comunicação evoluiu propagando o ideal de modernidade e rapidez. Na política, burgueses aliaram-se contra a República Velha, provocando os levantes de 1922 e 1924.

1.2 Arte Moderna

Ao retornarem da Alemanha, Lasar Segal em 1913 e Anita Malfatti em 1914, realizaram exposições em São Paulo, trazendo consigo influências expressionistas do país, por isso ambas foram mal recebidas, mas a partir daí um movimento de mudança caminhava devagar, resultando mais tarde no Movimento Modernista que culminou na Semana de 22. Em 1917, após retornar de estudos nos Estados Unidos, Malfatti realiza mostra em São Paulo, revelando o Expressionismo e o Cubismo que gerou duras críticas de Monteiro Lobato, unindo os artistas e escritores Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e Brecheret a favor da artista. Na semana de 22 os mesmos se destacaram e foram criticados junto a outros, por defenderem pontos de vista ligados à nova Arte, indo contra o caráter conservador dos padrões europeus, porém por meio deles instalava-se aos poucos e demoradamente no povo brasileiro, o Modernismo e São Paulo tornava-se a capital da cultura e das Artes, com artistas de estilos próprios empenhados em propagar a Arte Moderna valorizando as produções do país. A semana iniciou em 11 de fevereiro de 1922 e foi até o dia 18, abrigando no Teatro Municipal, exposições de Arte, espetáculos de música, dança, conferências e leituras diversas, estampando manchetes de jornais. Depois da semana surgiu o

Movimento Antropofágico, no qual Oswald de Andrade pregou a ideia de deglutir a cultura europeia, ingerindo-a e transformando-a ao gosto brasileiro. A semana de 22, abrigou nomes importantes, mas havia outros que nas décadas de 30, 40 e 50, enquanto o país passava por revoluções e reformas políticas, se reuniram em um ou em vários grupos para pintarem Arte Figurativa ou Concreta. Na política, o Estado Novo se instituiu em 1937 e foi até 1945, ano em que Getúlio foi deposto. A partir daí o país torna-se mais democrático, com crescimento econômico e desenvolvimento cultural. As mostras, realizavam-se em espaços diversificados como entidades culturais e educacionais, hotéis de luxo, casas comerciais, livrarias, entre outros.

Compreende no período entre 1930 a 1950, além do Estado Novo e do Movimento Modernista, a 2ª Guerra Mundial, a criação da Universidade de São Paulo, do MASP (Museu de Arte Moderna de São Paulo) e do MAM-RJ (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro). Entretanto o modernismo continuava preso a Arte Figurativa, em meados da década de 50, novos artistas surgem rompendo de vez com as relações tradicionais de suportes e materiais. A Arte não está mais restrita apenas a espaços de museus, as linguagens se misturam e se sobrepõem; escultura e pintura se complementam englobando outras linguagens artísticas como a música, a dança, entre outros. Anunciam-se então os novos tempos da Arte na contemporaneidade.

CAPÍTULO II

2. HÉLIO OITICICA: INFLUÊNCIAS, VIDA E OBRA

Antes de falar sobre a vida e obra de Hélio Oiticica, é conveniente destacar a ruptura entre a Arte Moderna e Arte Contemporânea, além da sucessão de acontecimentos decorrentes após a Segunda Guerra Mundial que influenciaram não somente a forma de fazer Arte, mas também, o comportamento de muitos artistas da época. Mas afinal, o que é Arte Contemporânea?

Vários autores afirmam que há três períodos distintos na história da Arte: o Pré-Modernista (entre o século XVI a meados do século XIX), o Modernista (em meados do século XIX a meados do século XX) e daí por diante o Pós-Modernista.

Segundo Favaretto (2006), a Arte no Brasil antes de 1950, apresentava-se como moderna, com critérios bem estabelecidos, a partir desse período, assim como as obras foram se modificando os critérios de análises e aceitação também. O autor diz ainda que na visão modernista e romântica, as obras eram aquelas que se encontravam em museus. Essas obras de Arte eram definidas de acordo com padrões de beleza, harmonia, técnicas, perfeição, acabamento, enfim, que definiam os caminhos para interpretá-las, porém ao adentrar pelo campo moderno e contemporâneo, a obra começa a obrigar experimentações variadas, já que pode haver muitas significações. Ela convida o espectador a análises, interações, conhecimento de seu contexto, do uso de seus materiais e de quem a produziu, além de suas qualidades estéticas, pois sem isso é impossível interpretá-la.

A pintura deixa de ser vista como obra e torna-se “objeto”, onde por exemplo o objeto da Arte era a beleza, agora a obra de Arte é um objeto. Em meados de 60 essa ideia de objeto teve a força de codificar todo o conjunto de transformações que vinham ocorrendo no meio das Artes desde o começo do século, além de abrir perspectivas para o que ocorreria depois. Ou seja, uma palavra do senso comum passa a ser tão significativa, enquanto que outra, a palavra “obra” não dá mais conta das transformações ocorridas na Arte.

Favaretto (2006) cita que “o artista passa a ser o inteligente propositor de situações que vai convidar o ex-espectador, a intervir e participar e ambos configurarão o que chamam de obra”.

Em tempos de Guerra, impedidos de viajarem, os artistas não entraram em contato com a Arte Europeia. Os estrangeiros que aqui estavam integraram-se à cultura nacional, e mesmo sendo um dos eventos mais grandiosos e violentos do século XX, a guerra possibilitou algumas exposições internacionais envolvendo a Arte Contemporânea. Na década de 50 Getúlio é eleito presidente da República, a Arte Figurativa no Brasil cedeu espaço nas Bienais para a Arte Abstrata e a Arte brasileira circulava em tendências e manifestações europeias. Nessa década, o país que ainda estava em desenvolvimento e com questões políticas em alta, seguiria rumos surpreendentes. Quatro anos após assumir o poder e passando por crises, Getúlio não suporta as pressões suicidando-se, sendo substituído por Juscelino Kubitschek, o qual inicia a construção de Brasília.

Nesse contexto de mudanças e radicalizações, surge o movimento concreto (1955) com duas importantes Exposições a do Grupo Ruptura em São Paulo e a do Grupo Frente, no Rio de Janeiro destacando-se entre outros, o nome de Hélio Oiticica. Ambos os grupos tentaram recuperar a pesquisa de linguagem e a busca por uma Arte não figurativa, indo ao encontro do desejo de crescimento e modernidade ao qual passava o país. A partir de 1958 surge o Informalismo.

O mandato seguinte ao de J.K. durou sete meses com Jânio Quadros que passa o posto para João Goulart. Esse foi deposto em 1964 por militares, iniciando assim a ditadura, dominando o cenário do país por aproximadamente 20 anos.

Sabe-se que a Arte e seus movimentos estão diretamente ligados ao contexto político, histórico e social, portanto, em consequência da censura e da ditadura e seus vestígios, o cenário artístico é atingido, porém os artistas respondem extrapolando as discussões do campo artístico.

Hélio Oiticica dá os primeiros sinais dos novos tempos na Arte em 1961, onde

escreve em seu diário que “a era do fim do quadro havia sido inaugurada”. De acordo com o artista carioca aquela declaração não se referia a morte da pintura, sim a sua salvação, pois morta ela seria se continuasse na bidimensionalidade. A partir disso, nos cinco próximos anos ele inicia pesquisas em busca de “um novo corpo da cor”, o qual deveria ser liberto dos quadros nas paredes, revolucionando o conceito de Arte.

Na década de 70, é a vez do artista propor a liberdade nos comportamentos, no pensamento e na busca do novo, contribuindo assim, não apenas com a Arte, mas também com a vida das pessoas ao dar em 1978, cor a estruturas arquitetônicas, por entre as quais todos podiam circular, ao mesmo tempo em que desfrutavam da experiência estética de forma reflexiva, não apenas restringindo-se a mera contemplação. Para o artista a pintura deu lugar a “invenção” num tipo de Arte mutável, advinda do que Favaretto chama de “inconformismo estético e inconformismo social”.

Influenciado pelas vanguardas europeias, principalmente por Piet Mondrian (1872-1944) e Kazimir Malevich (1878-1935), Oiticica ajuda na consolidação do moderno no Brasil, onde ao fazer uso do corpo e ao sintetizar outras linguagens como o teatro, a pintura, a arquitetura, a dança, o cinema e as tecnologias, abre as portas artísticas do país para propostas contemporâneas, estendendo as linguagens da Arte para dimensões até então não exploradas.

2.1 Vida breve

Oiticica nasceu em 26 de julho de 1937, filho de Ângela Santos Oiticica e José Oiticica Filho, fotógrafo e docente da Faculdade de medicina e do Museu Nacional da Universidade do Brasil. Seu avô José Oiticica foi um dos líderes do movimento anarquista no Brasil. Dos dez aos treze anos, o artista viveu em Washington (EUA), onde teve os primeiros contatos com estudos oficiais, pois até então, Hélio Oiticica e seus irmãos, estudaram em casa, sendo eles fortemente

influenciados pelo avô.

Em 1955, coordenado por Ivan Serpa, professor com o qual iniciou suas pinturas, o artista expõe junto ao Grupo Frente seus guaches sobre cartões com abstrações geométricas, mantendo contato com Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. Em seus “Metaesquemas”, os retângulos são apresentados inquietos como se tentassem subverter as grades.

Oiticica mostra suas produções na Bienal Internacional de São Paulo e na I Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1957. Em 1958 Participa da I Exposição de Arte Neoconcreta e da V Bienal Internacional de São Paulo em 1959, ano em que é convidado por Lygia Clark e Ferreira Gullar para integrar o Grupo Neoconcreto.

Em 1960 participa da II Exposição de Arte Neoconcreta e nessa década desenvolve os relevos espaciais e os bilaterais onde defende a importância de “temporalizar a obra” e a partir daí chega então ao conceito de cor-tempo, aquela que se altera sutilmente em passagens contínuas de cor, dependendo do movimento do espectador. Essa cor, agora livre no espaço, logo passa a ser apresentada em forma de pigmento nos bólides (caixas que lembram casas, com portas e janelas, outras vezes apresentam-se em vasos de vidro e pedaços de panos coloridos) onde o espectador pode tocá-las, tornando-se participador. Na mesma década cria os primeiros núcleos, também denominados manifestações ambientais e penetráveis.

Entre 1964 e 1965 o artista entra em contato com a Escola de Samba Primeira de Mangueira, onde o êxtase do samba o “contamina”, então as pesquisas sobre a superação do quadro e o movimento do corpo sustentam os parangolés.

Porém nem tudo foi Arte e movimento. Ao apresentar os parangolés na exposição Opinião 65 ele e seus amigos passistas são expulsos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ). Já a VIII Bienal Internacional de São Paulo e a exposição Soundings Two em Londres exibem suas obras.

Em 1967, afastando-se de modelos de outros países, o artista apresenta a obra Tropicália na exposição Nova Objetividade Brasileira, onde criou na montagem

uma imagem multissensorial do Brasil, na qual continha elementos visuais, permitindo a movimentação dos participantes pelos espaços entre os dois penetráveis, ao som de araras, em meio a texturas de tecidos e plantas, provocando-os.

O nome da obra foi utilizado por Caetano Veloso (1942-) numa das canções que melhor representou o Movimento tropicalista. Em apresentação no ano seguinte a Bandeira “Seja marginal, seja herói” de Hélio Oiticica, foi usada pelo cantor e por e Gilberto Gil (1942-) como parte do cenário de um show que faziam no Rio de Janeiro, porém o espetáculo foi interrompido e a bandeira foi usada como pretexto para prenderem os músicos acusados de subversão.

Em 1969 as principais obras de Oiticica são exibidas em Whitechapel Gallery, em Londres e no ano seguinte no Museum of Modern Art de Nova York, onde passa a residir no país, após receber bolsa da fundação Guggenheim.

Entre 1973 a 1979, cria o conceito de “quasi cinema” iniciando a obra Cosmococas, além de desenvolver a série “Penetráveis Magic Squares”. Em 1978 retorna ao Rio de Janeiro onde vem a falecer dois anos mais tarde, por um acidente vascular cerebral.

Na obra de Hélio Oiticica, a passagem para uma Arte definida a partir da expansão para a vida é anunciada, porém é interrompida pela morte prematura do artista, em 1980. Uma frase dele mesmo explica o rumo que a obra poderia vir a tomar: “O próprio dia a dia para mim é a construção de uma obra, o dia completo é a obra. Como também não existe mais o movimento de vanguarda: cada dia, o dia a dia, é a vanguarda, entende?” (BRAGA, 2013, p.19).

De acordo com Braga (2013), não há uma linearidade na carreira de pintor de Hélio Oiticica. O que aconteceram foram grandes saltos em períodos curtos de tempo. O artista realizou vários trabalhos simultâneos, marcando a história com objetos feitos por ele, textos teóricos arquivados minuciosamente, experimentos com

cinema, poesias, peças de teatro, cartas aos amigos as quais fotocopiava, antes de enviá-las enfim. (Infelizmente em 2009, um incêndio dizimou parte dos trabalhos).

“Para Oiticica, o espaço estético depende de uma vivência estética, algo vital e que alteraria o espaço estático, o espaço real, transformando-o em estético, de um modo quase mágico.” (BRAGA, 2013, p.31.)

Seu legado levou os expectadores a imergirem nas construções tridimensionais dos “Relevos Espaciais” e dos Núcleos, onde liberta a cor da bidimensionalidade refletida nos espelhos projetados pelo objeto tridimensional. Com os núcleos Oiticica inaugura a construção de um espaço de cor que pudesse ser penetrado ou habitado pelo espectador, dando sentido a esse espaço, surgindo a partir daí o termo “penetrável”.

De acordo com Braga (2013), a série “Magic Squares” é uma junção de experiências de Oiticica com a duração da cor e com o comportamento.

Já de acordo com Hélio Oiticica, segundo a mesma autora, a obra “Magic Square” foi idealizada para que ficasse permanentemente ali para uso e domínio público, já que “square” refere-se a quadrado e praça ao mesmo tempo. Porém, ao habitarem esses espaços o participante mergulha em si mesmo, já que o cenário propõe um jogo, o espaço convida para o viver criativo, pois nessa obra é possível andar dentro da cor. Ou sentar, dançar, correr, respirar. Enfim, ser dentro da cor, intransitivamente, como dia o artista.

CAPÍTULO III

3. ESPAÇOS, FORMAS E MOVIMENTOS.

NÍVEL DE ENSINO: Fundamental II

CARGA HORÁRIA: 6 horas

JUSTIFICATIVA:

Diante da dificuldade de entendimento e aceitação da Arte Contemporânea, torna-se necessário desenvolver propostas onde os alunos da sociedade atual ampliem suas habilidades de analisar, refletir, respeitar e preservar as diferentes manifestações artísticas, desmistificando-as.

OBJETIVOS GERAIS:

Ampliar o repertório cultural do aluno, possibilitando a ele o contato com a Arte Contemporânea.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Diferenciar objetos bidimensionais de tridimensionais.

Conhecer alguns trabalhos do artista Hélio Oiticica.

Ler imagens.

Realizar releituras de obras.

Identificar a Arte Contemporânea.

Analisar suas produções e as dos colegas.

METODOLOGIA

Materiais necessários: Papeis com variadas texturas, lápis de cor, giz de cera, tesoura e cola, pincéis, tinta guache, fitas adesivas, réguas etc.

Desenvolvimento:

1ª etapa:

Roda de conversa sobre alguns períodos históricos.

Apresentar imagens referentes a cada período: Arte rupestre, desenhos egípcios e a imagem da obra de Michelangelo “a criação do homem”.

Observação de suas principais características levantando questões como: qual material foi usado para desenvolver cada pintura? Qual suporte foi usado (onde)?

Por que eles pintaram estes motivos?

Cada aluno deverá escolher uma pintura para fazer sua releitura.

A atividade finalizada será exposta com a socialização e apreciação dos trabalhos.

2ª etapa:

Apresentar por meio de exposição dialogada, imagens de pinturas e esculturas referentes a cada período da história da Arte em Datashow.

Durante a apresentação dos slides serão feitas algumas perguntas sobre as características de cada período.

A atividade será finalizada com trabalhos de modelagem, contemplando a tridimensionalidade.

3ª etapa:

Observar formas geométricas recortadas em papéis de diferentes gramaturas e texturas.

Em roda escolher algumas figuras, relatando as sensações.

Em folha de sulfite fazer uma composição por meio de colagens, usando as formas geométricas escolhidas.

Exposição e socialização dos trabalhos.

4ª etapa:

Entrar em contato com a Arte Contemporânea por meio da obra “Metaesquema” de Hélio Oiticica.

Roda de conversa sobre as formas geométricas que o artista usou para compor essa obra.

Analisar as formas que parecem se movimentar no papel.

Questionamentos a respeito da obra, como: é desenho ou colagem? As formas estão alinhadas? Quais impressões causam?

Releitura da obra utilizando colagens.

Exposição dos trabalhos.

5ª etapa:

A partir da leitura da obra “Metaesquema”, os alunos irão compor desenhos com régua, formando quadrados e retângulos.

Preencher as grades do desenho utilizando fita crepe.

6ª etapa:

Preencher as formas utilizando guache e após a secagem, retirar as fitas revelando os espaços da folha.

Exposição dos trabalhos.

AValiação

A avaliação será processual e contínua, observando a participação, a interação com o grupo, bem como a autoavaliação.

CONCLUSÃO

Por ser conceitual e atual a Arte contemporânea nega a tradição, não se importando com o gosto do belo e feio, já que outros elementos como as relações, formas, cores, enfim são relevantes. A Arte Contemporânea é considerada nova, porém já está presente em nosso cotidiano desde o início da década de 50. Ela chegou após a Arte Moderna rompendo de vez com os paradigmas e assustando um pouco pois não agrada a todos, causa estranheza e requer certo conhecimento para tentar decifrá-la.

Nesse sentido há lacunas na sociedade brasileira que possui pouco acesso à Arte e muitas vezes o que ela conhece foi aprendido na escola que seguia o modelo tradicional de cópias e datas comemorativas, apoiando-se em obras figurativas. Essas pessoas, que compõem a maioria da população, não conhecem a importância da Arte Contemporânea na história, muitas delas nem a reconhece como Arte, porém essa não representa apenas um novo conceito, mas, instiga um olhar crítico e reflexivo não só sobre a Arte mas também sobre a sociedade na qual está inserida.

Nos dias atuais, em termos de ensino/ aprendizagem, muito tem se falado no desenvolvimento pleno do indivíduo, porém para formarmos alunos críticos, reflexivos e participativo faz-se necessário que ele tenha acesso a vários campos do conhecimento, e nas Artes esse conhecimento não deve ser parcial, deve antes oportunizar a interação com as múltiplas linguagens, contextualizando-as.

Tendo acesso a conceitos variados de Arte bem como as experimentações, os alunos vão gradativamente se familiarizando com estilos diferentes de Arte,

superando preconceitos, aprimorando seus modos de verem, pois as interpretações atuais são mais exigentes que as de outrora, onde as obras contavam histórias, tudo estava ali, sem grandes mistérios, na frente dos apreciadores. Contrário a isso está a Arte Contemporânea que se mostra subjetiva e conceitual, exigindo outros olhares, permitindo maior interação com a obra, tirando o espectador da mera posição de apreciador, levando-o a profundas reflexões. O modo como cada um aprecia ou tenta decifrar a Arte Contemporânea está ligado as poéticas pessoais.

As pessoas não têm a obrigação de entenderem o que essa Arte quer dizer, já que qualquer linguagem ou manifestação artística deve ser apreciada e usufruída com os sentimentos e isso independe da razão, porém ainda assim leva os participantes à reflexão. A Arte Contemporânea está ligada a diversas linguagens e suportes, além de diferentes áreas de conhecimento que dialogam entre si. Ela pode ser libertadora, efêmera ou duradoura, os artistas utilizam os materiais que mais lhes convêm como: terra, areia, cabelo, parafina, ferro enfim, que ocupam lugares de tintas, pincéis e outras ferramentas, porém não necessariamente para substituí-los, já que há produções atuais em meios tradicionais como pintura, escultura, desenhos, produções de objetos. O artista contemporâneo inventa sua própria técnica, sua própria poética e as questões sobre as quais quer trabalhar.

A Arte Contemporânea está presente neste tempo, neste espaço e mistura-se as coisas da vida e do cotidiano. Está mais próxima de todos nós e assim como o gosto é histórico e social, a Arte também é. O contato com diversas linguagens e manifestações artísticas, contribui para desmistificar o conceito de que a Arte necessita sempre ter um caráter figurativo, com juízos de beleza definidos, com mensagens claras a serem transmitidas. Arte é conhecimento, é mutável e muda porque nós seres humanos mudamos. Mudamos nossa forma de vestir, de agir e de pensar e com isso inferimos na Arte e a Arte também acaba por interferir na forma de pensar do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (monografia)

BRAGA, Paula. *Hélio Oiticica*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da Arte: A Arte Contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Editora Odysseus, 2006.

FAVARETTO, Celso Fernando. *A invenção de Hélio Oiticica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

LIPPARD, Lucy R; CHANDLER Jonh. *A desmaterialização da Arte*. *Arte & Ensaios, Rio de Janeiro*, n. 25, maio 2013. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

MARQUEZ, Renata Moreira. *Hélio Oiticica: Desdobramentos do corpo no espaço*. *Revista Vivência*, Natal v. 33, p.67-75, 2009. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar: convite à viagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SCHMIDLIN, Elaine. *Isto é arte? Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque*. São Paulo: Instituto Arte na escola, 2006. 16 CD-Rom.

SP-ARTE/2015, São Paulo: Parque do Ibirapuera, 2015.

UTUARI, Solange. *Arte e matéria? Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque*. São Paulo: Instituto Arte na escola, 2006. 7 CD-Rom.

TINOCO, Elaine de Fátima Vieira. *Anita Malfatti: modernista por natureza*. Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na escola, 2006. 4 CD-Rom.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (Projeto de curso)

BARBOSA, Ana Mae T. B. (org). *Arte-Educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez 1997.



BRASIL. PCNEM, parte II. Linguagens, códigos e suas tecnologias, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Último acesso em abril 2015.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura de mundo. São Paulo: Ática, 1993.